revista chega a seu sétimo número, e sétimo ano de vida, ciente da responsabilidade de se manter um veículo aberto ao melhor da pesquisa e da investigação em artes cênicas no país, bem como de catalisar as principais correntes de pensamento, e artísticas, da cena contemporânea em nível mundial. Os ciclos de sete anos são emblemáticos, nas vidas das pessoas e das coletividades, de períodos que encerram determinadas tendências, que marcam fluxos homogêneos de realizações. No caso da Sala Preta não foi diferente. Completa-se uma fase de implantação e consolidação, que acompanhou o processo de renovação e fortalecimento do Programa de Pós Graduação em Artes Cênicas da USP, tendo-se cumprido os objetivos originais de que se tornasse uma publicação referencial no ambiente acadêmico brasileiro. Como corolário deste primeiro ciclo, e graças à colaboração de todos os pesquisadores e artistas contribuintes nos números anteriores, os editores têm o prazer de informar que, desde dezembro de 2007, todos os artigos publicados na Sala Preta nos seis primeiros números estão disponibilizados pela internet no endereço www.eca.usp.br/salapreta.

A presente publicação prossegue no mapeamento das especialidades e dos campos de conhecimento no âmbito das artes cênicas. Assim, o tema da preparação vocal de atores e atrizes é esmiuçado em todos os seus aspectos por meio da contribuição de alguns dos seus principais estudiosos. A voz é examinada, tomada tanto como poética com características próprias, quanto como objeto do escrutínio científico rigoroso. Por meio da colaboração de docentes das três universidades públicas paulistas, da PUC de São Paulo e da pioneira Escola de Arte Dramática, traça-se um mapa da pesquisa de ponta em voz hoje, bem como se reúne um leque representativo das metodologias de treinamento vocal que vem sendo empregadas nos ensinos superior e técnico.

Na continuidade de um diálogo produtivo com as outras áreas de conhecimento, e abrindo espaço para um jovem núcleo de pesquisa preocupado com as questões mais candentes da contemporaneidade, a revista transcreve um ciclo de palestras, realizado no primeiro semestre de 2007, reunindo alguns dos pensadores mais atilados no cenário intelectual brasileiro. O Núcleo Trânsfugas, integrado na maioria por estudantes de graduação, se propôs a tecer uma teia de pensamentos em torno dos temas da arte e do poder, estendidos os dois termos ao exame dos mais díspares pontos de vista. De comum na fala dos seis palestrantes, e no texto do próprio núcleo que apresenta o ciclo, o inconformismo com a pasmaceira do nosso tempo e a vontade de transformar radicalmente as relações pessoais e sociais que ele enseja. Restritas inicialmente aos participantes do evento, essas falas que abrem caminhos ganham um desdobramento, publicadas aqui e semeadas nos espaços acadêmicos e artísticos por onde a revista circula.

Na sessão já tradicional, em que a revista foca em um determinado espetáculo do ano para aprofundar-se no seu exame e oferecer um registro visual digno de seu caráter antológico, pôde-se escolher a encenação de uma companhia estrangeira. A oportunidade se deu em vista da turnê sul americana da carismática e mundialmente reconhecida trupe liderada por Ariane Mnouchkine, Théatre du Soleil. O espetáculo examinado é a última produção do Soleil, *Les Éphémères* (*Os Efèmeros*), estreado em 2007, e que representou uma virada na trajetória do grupo. Abrindo o dossiê, e abrilhantando sobremaneira esse número, um ensaio da pesquisadora francesa Béatrice Picon-Vallin, diretora do Centre National de la Recherche Scientifique de Paris. Picon-Vallin situa a espetáculo na história do Soleil e revela porque, depois de muitos anos, essa montagem obteve unanimidade da crítica francesa. Em seguida apresenta-se uma entrevista da principal figurinista do grupo, Marie-Hélène Bouvet, contando os detalhes de indumentária, nessa produção em que o Soleil resgata e renova o projeto

do naturalismo. Depois da sessão de fotos do espetáculo, cedidas pela própria companhia, Maria Lúcia de Souza Barros Pupo compartilha a experiência de assistir uma oficina do ator Maurice Durozier, um dos mais antigos colaboradores de Mnouchkine, com jovens atores e atrizes paulistanos. Fechando o dossiê *Os Efêmeros*, um ensaio do crítico Valmir Santos, que estabelece uma conexão entre o novo espetáculo do Soleil e o recente movimento de grupos teatrais no Brasil.

Acompanhando este destaque de um espetáculo internacional, a revista volta-se para três dos principais criadores contemporâneos em teatro, que tem em comum a abertura de seus trabalhos à interpenetração com outras formas artísticas, como as artes visuais, o cinema e a performance. O primeiro deles, o canadense Robert Lepage, é examinado através do artigo de um dos maiores especialistas em seu cinema e teatro, o professor da Universidade de Manchester, Alexandre Sasha Dunderovich. Autor de dois livros sobre o encenador, o mais recente focado na teatralidade característica de seus espetáculos, o pesquisador aborda Lepage a partir da experiência que teve em 2007, oferecendo um curso sobre ele no Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da USP. O segundo artista contemporâneo de ponta que merece a atenção da revista é o belga Jan Fabre. É apresentada a tradução de três de seus textos encenados, revelando-se como a palavra nas suas encenações já não pode ser pensada como dramaturgia em um sentido convencional. Um artigo da pesquisadora Joana Dória de Almeida observa ainda o caráter híbrido dos espetáculos de Fabre, que impossibilita encerrá-lo na categoria estrita do teatro. Finalmente, Romeu Castelucci, o artista italiano que tem contemporaneamente, de forma mais contundente, gerado espanto com suas encenações, é apresentado por Narahan Dib. A pesquisadora traduz um de seus textos teóricos seminais e dá pistas de porque sua companhia, a Societàs Raffaello Sanzio, é hoje uma das mais afamadas na Europa.

A contrabalançar esses olhares para fora, a retranca Teatro Brasileiro Contemporâneo reaparece, reunindo alguns ensaios sobre produções recentes e marcantes do nosso teatro. José da Costa recorta sete espetáculos-solo apresentados no Rio de Janeiro, em que a subjetividade opera de maneiras diferenciadas, mas consubstanciando uma politização intrínseca e inovadora. Ingrid Koudela presta tributo ao grupo Oi Nóis Aqui Traveiz de Porto Alegre, analisando três espetáculos de seu repertório e aprofundando na sua montagem de *A Missão* de Heiner Muller. Edélcio Mostaço ressalta, em Florianópolis, dois atores que com sua *Trilogia Lugosi*, e a retomada de autores como Edgard Allan Poe, conseguiram atrair de novo a juventude para o teatro. Os dois editores da revista se permitem apresentar um breve diálogo, travado em torno do que lhes pareceu o melhor espetáculo do teatro brasileiro dos últimos tempos, *Gaivota – Tema para um conto curto*, de Enrique Diaz. Fechando essa seleta de espetáculos brasileiros, Ângela Materno produz um ensaio definitivo sobre o espetáculo do Teatro da Vertigem, *BR3*, a partir da encenação realizada em 2007 na baia da Guanabara.

Na retranca Livros o destaque é a publicação de *Jogos Teatrais na sala de aula. Um manual para o professor*, de Viola Spolin. A resenha de Maria Lúcia Pupo aponta o caráter complementar da obra, somando-se às outras da autora norte americana publicadas no país não como um simples facilitador, mas como um novo incentivo às descobertas no processo de ensino e aprendizagem pela via do jogo. Ainda, Elisabeth Azevedo resgata a história da Revista Dramática, uma das primeiras publicações de teatro do Brasil, lançada esse ano em edição fac-símile.